Uma Década Docente na Praça do Ferreira

Reminiscências...

Djacir Menezes

Só a geração que viveu a década pré-revolucionária de 20, em Fortaleza, compreenderá a insistência de meu amigo Livino Pinheiro, hoje Diretor da Imprensa Oficial do Ceará, atribuir-me o tema da "Praça do Ferreira como Universidade literária e política". Talvez outros sobreviventes confirmem, receosos. Receosos de minha parcialidade, já se vê. Não trago, pois, nesta data centenária do Instituto do Ceará a palavra da imparcialidade histórica, mas a do participante de uma geração apaixonada, movida pelos ideais de um momento provinciano, que tem seu toque de universalidade por ter seu ouvido posto nas vibrações do mundo. Já disse algumas vezes que, para tal geração, a Praça do Ferreira era o centro do Universo. Prosseguindo, serei compreendido.

Aquele quadrilátero tomou o nome do boticário Ferreira em 1859. Meio século após, aos seis anos de idade, matriculado no Instituto Miguel Borges, recém-chegado de Belém (omito os pormenores já contados por meu pai no *Crato de meu Tempo*) vi o famoso logradouro cercado por "frades de pedra" e correntes. Não cheguei a ver os "bondes de burro": as quatro linhas de bondes elétricos irradiavam dali. Quem evoca gostosamente tudo isso é João Paulino, filho de Paulino Nogueira, grande colaborador da "Revista" do Barão. Outros já na órbita de minha geração relembraram estes fatos com o mesmo amor retrospectivo, em livros republicados pelo Instituto e pela Universidade do Ceará, com os de Otacílio de Aze-

vedo, de Edigar de Alencar, de Raimundo Girão; vou parando nesses três, com a injustiça de omitir o *Coração de Menino* e o *Mississipi*, de Gustavo Barroso, que tanto amou as ruas, praças e fragrância colonial remanescente na sua infância, onde depois vivi a minha. Sim, porque quem nasceu em Maranguape e cresceu em Fortaleza, para todos os efeitos renasceu em Fortaleza.

Já disse que não me guia qualquer intenção de historiar, mas de recordar descosidamente os episódios de uma década, jornalisticamente, episodicamente. Episódios que começam e terminam na mais saborosa fase da adolescência, quando se sonham sonhos para salvar a humanidade, ao calor de entusiasmos municipais, que as leituras dilatam cada vez mais a medida em que o espírito amadurece. Cumprindo esses propósitos, serei verídico e desordenado.

De 1920 em diante o *Art-Nouveau*, na esquina das ruas Guilherme Rocha com a Major Facundo, começou a reunir os intelectuais da terra. O "Café Riche" fechara depois de gloriosa boêmia que ouvi na tradição que o jovem Sílvio Júlio recolheu no carinhoso livro *Povo e Terra do Ceará*. Poderia citar muitas figuras célebres, a começar pelo poeta barbudo e camoniano José Albano, que foi o maior de todos. Poderia citar muitos mais, mas "só falarei do que vi e ouvi". E nessa transição do "Café Riche" para a do "Café Globo" dá-se a grande mudança: a tonalidade política ganha mais força no espírito dos jovens.

É o período das revoltas da juventude militar de 22, de 24, e do levante de 30. Coincidiu a entrada no tradicional Liceu do Ceará, frente à grande praça ensombrada por altas mongubeiras, onde preparávamos as lições de latim e matemática, com as relações dos figurantes nos debates do "Café Globo", que abria horizontes universais. Ali discutia-se tudo. Elias Mallmann, jornalista do *Diário do Ceará* de H. Firmeza, refutara a teoria da Relatividade. Desafiado, acabou publicando a refutação no jornal. Doutra feita, acendeu-se acesa polêmica entre Quintino Cunha e Mallmann a propósito da guerra russo-japonesa, onde surgiram nomes de generais incríveis.

Essa memorável polêmica foi o batismo ideológico do liceísta. Semanas depois, vencendo a timidez, perguntávamos ao velho professor de história Raimundo Ribeiro por um daqueles generais do Mikado. O velho franziu o nariz e o pince-nez e quis saber onde teríamos lido o nome estranho. E deu um conselho salutar: "Menino, história não se improvisa em mesa de café. Salvo a rabelista, mas essa é privativa do Rodolfo Teófilo."

Renato Braga, que seria futuramente o grande professor de história natural, adorava contar as façanhas intelectuais que marulhavam naquelas mesas. Diga-se a verdade: comentavam-se Taine, Zola, Comte, Eça, Le Bon, Le Dantec, Ingenieros e até mesmo o que estudávamos na Faculdade de Direito.

Adonias Lima, que escrevera livro sobre a emancipação da mulher, era admirado por seu anticlericalismo. Mudou depois, passando a rezar, pelas manhãs, muito apreensivo, nas missas dos frades do Coração de Jesus.

A geração de que falou Sílvio Júlio era mais literária e humanística. A que então se abria era mais política e quase não rezava. Uma aragem de heresia varria a atmosfera. A de 20 refletia pensamento de mais crítica filosófica, com a leitura dos autores socialistas que, embora raramente, apareciam nas mãos de alguns. Os escritos de Soriano de Albuquerque, professor de Filosofia do Direito nomeado pelo governador Acióli, só os vi muito mais tarde, em mão de Beni Carvalho, que os vertera ao francês, e foram publicados na revista de Sociologia de De Greef, na Bélgica; nunca os possuí.

A primeira vez que ouvi os nomes de Trotski e Lenin foi como maximalistas. Esclareceu-me então o jornalista e poeta Gastão Justa, amigo de Joaquim Alves, este posteriormente meu colega como Inspetor Estadual de Ensino, autor, na década de 30, de meia dúzia de livros de excepcional valor sobre pedagogia, história do Ceará, crítica literária e sociológica. Considerava com sarcasmo o marulhar daquela política local e foi um dos espíritos mais independentes que conheci.

Gastão era bem lido nalguns folhetos da Social-Democracia européia. Embasbaquei de ouvi-lo fazer considerações aparteado por Moacir Caminha, a respeito da conferência russo-germânica sobre Brest-Litovski. Só vim a saber a significação muitos anos depois, num daqueles livrinhos franceses editados por L'Humanité...

Moésio Rolim era o melhor orador que cruzava órbita acadêmica. A Faculdade de Direito ficava situada nos baixos do Legislativo, frente à praça general Tibúrcio, a "um tiro de besta do Palácio do Governo", como disse certa vez Eurico Pinto num suelto de *A Tribuna,* jornalista e funcionário do Telégrafo, autodidata, latinista de alto bordo. Moésio Rolim citava Nietzsche, recitava Vargas Vila, discursava Vargas Vila e rugia em nome de todos os revolucionários abancados nas mesas do "Café Globo".

O erudito da turma era Sócrates Bonfim, memória implacável que falava de Rousseau, de Collot-d'Herbois, de Desmo-

Iullin, de Foquier-Tinville, da facada de Carlota Corday no banheiro de Marat, tudo verdadeiro, com circunstâncias, rasgos e datas. Mas Sócrates era arredio, vendia-se caro, sempre estudando muito.

Não posso circunscrever aquele mundo ingênuo, centrípeto e turbulento, que ferve nas minhas recordações. Assim, ia-me faltando Euclides César, o presidente da Academia Polimática! Foi o maior agitador de idéias que circulou na década. Ele era toda a Academia, que não tinha sede, nem regulamento, nem Estatutos e reunia-se nos altos da Farmácia Francesa, esquina da Guilherme Rocha com Barão do Rio Branco. As nove horas de domingo, celebrava ali a verdadeira missa domingueira dos que não compareciam à missa provinciana. Andava aí pelo terceiro ano do Curso Integral do Liceu e fui catequizado pelo dr. Adolfo Pinheiro e outros satélites da matemática positivista, depoimento muito comprido para resumir-se nestas linhas apressadas. Um dia, pausadamente, narcisicamente, historiografarei essas andanças já remotas, tentando adivinhar as rotas intelectuais de um passado que, diga-se a verdade, foi bem estudioso.

D.O. — Letras — Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Ceará — Ano I — n.º 2 — junho de 1986.